

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

Ritwik Ghatak: A Reinvenção do Cinema

13 e 16 de dezembro de 2025

FEAR / 1965

“Medo”

Realização, Argumento, Música: Ritwik Ghatak / Direcção de Fotografia: Lall Jaswaney / Câmara: G. B. Kulkarni / Direcção de Som: U. C. Sinha / Operador de Som: P. V. K. Reddi / Montagem: Vishram Revankar / Direcção Artística: B. D. Thatte, M. D. Thakur / Tradutor dos diálogos: Roshan Taneja / Assistente de Realização: Ram K, Mital / Interpretação: “Representado pelos estudantes do último ano do curso de actores 1964-65” – Subhash Ghai (estudante de ciências), Sudha Rani (mulher dele), Urvashi Dutta (rapariga voluptuosa), Govardhan Sharma (Homem rico), Pratima Naik (rapariga da aldeia), C. Asrani (homem calmo), S. Shar (Músico), S. Desa (Carteirista), V. K. Malhotra (Cientista), Umrani A. (Coronel), Rajni Kant (Capitão), Nooruddin (Bêbado) / Produção: Jagat Murari (Índia, 1965) / Supervisão da Produção: L. P. Shah / Direcção da Unidade: M. D. Sharma / Produtores: N. M. Chowdhury Bacchu, Habibur Rahman Khan, Foyez Ahmed / Cópia: da NFDC - NFAI, em DCP (digitalização 4K a partir de cópia 35mm), preto e branco, versão original em bengali, legendado em inglês e electronicamente em português (créditos iniciais e finais em inglês) / Duração: 16 minutos / Primeiras exhibições na Cinemateca.

RENDEZVOUS / 1965

Realização, Argumento: Rajendra Nath Shukla / Direcção de Fotografia: Anarjeet Singh / Direcção de Som: P. K. Pahwa, S. C. Bansal / Montagem: H. L. Chauhan, A. V. Rajput / Música: Ram Kadam / Interpretação: Sudharani Sharna (uma rapariga), S. Dinkar (um rapaz), Govardhan Lal (Transeunte) / Vozes: Sr. e Sra. Arjunwadkar e Samir Roy / Produção: (Índia, 1965) / Cópia: da NFDC - NFAI, em DCP (digitalização 4K a partir de cópia 35mm), preto e branco, versão original em bengali, legendado em castelhano e inglês, e electronicamente em português (créditos iniciais e finais em inglês e castelhano) / Duração: 13 minutos / Primeiras exhibições na Cinemateca.

NAGARIK SANRAKSHAN / 1965

“Civil Defense”

Realização, Argumento: Rajendra Nath Shukla / Direcção de Fotografia: Anarjeet Singh / Direcção de Som: P. K. Pahwa, S. C. Bansal / Montagem: H. L. Chauhan, A. V. Rajput / Música: Ram Kadam / Interpretação: Sudharani Sharna (uma rapariga), S. Dinkar (um rapaz), Govardhan Lal (Transeunte) / Vozes: Sr. e Sra. Arjunwadkar e Samir Roy. / Produção: Film Institute of India (Índia, 1965) / Cópia: da NFDC - NFAI, em DCP (digitalização 4K a partir de cópia 35mm), preto e branco, versão original em bengali, legendado em inglês e electronicamente em português (créditos iniciais e finais em bengali) / Duração: 13 minutos / Primeiras exhibições na Cinemateca.

filmes de Ritwik Ghatak

duração total da projecção: 38 minutos

De filme para filme da trilogia iniciada com **A Estrela Escondida**, as coisas foram sendo cada vez mais difíceis para Ritwik Ghatk, e **Subarnarekha** (1962), o terceiro capítulo da mesma só estrearia em 1965, revelando-se um fracasso comercial. Estas curtas-metragens são contemporâneas de outras longas abortadas nos primeiros dias de rodagem (**Bagalar Banga Darshan**, 1965 e **Ronger Golam**, 1968). **Medo** e **Rendezvous** foram produzidas para televisão, assim como “**Cientistas de Amanhã**” (1968), **Danças De Purulia** (1970) ou um documentário feito por altura do centenário de Lenine (“**Amar Lenine**” de 1970), exibido na URSS, mas nunca projetado na União Indiana. Outra curta-metragem de 1970 – “**A Questão**” – nunca foi vista por ninguém. Destes filmes, conseguiremos mostrar para além das curtas desta sessão, **Scientists of tomorrow**, documentário institucional que visa promover o papel do governo indiano na aposta na formação de jovens cientistas e um outro documentário posterior, **Durbar Gati Padma** que versa sobre a independência do Bangladesh, acontecimento histórico que em 1971 encheu Ghatk de esperança face ao futuro do seu território. Ghatak era desde 1965 professor do Instituto de Puna e escreveu dois romances, influenciando toda uma geração de alunos, entre eles Mani Kaul e John Abraham que reivindicam explicitamente a sua herança.

Fear foi rodado em contexto escolar e como diz no genérico trata-se de “Student film exercise for the students of acting course 1964-65. No make-up, no costume. Décor strictly functional.” O “cast” é exclusivamente composto pelos alunos finalistas desse ano de 1964-65 do Instituto em Puna. E, como era hábito em grande parte dos seus filmes, Ghatak assina não apenas a realização e o argumento, mas também a música de **Fear**. Trata-se sem dúvida de um filme de Ghatak, mas aborda uma questão inédita na sua filmografia, dado tratar-se de uma ficção futurista algo distópica ambientada em 1985. Estávamos em 1965, e a projecção faz-se a duas décadas de distância. Coincidência ou não, a grande ficção distópica sobre o totalitarismo de George Orwell desenrolava-se um ano antes, em 1984.

Ghatak concentrou a sua história no interior de um “abrigo experimental” construído algures na Índia para proteger os habitantes de um possível ataque atómico. Espaço fechado por excelência, há imagens no interior desse mesmo abrigo que nos lembram **La Jetée**, filme que Chris Marker realiza três anos antes, em 1962. Viviam-se a ameaça atómica. “Um dia importante para a humanidade, em que se espera por 15 de Março de 1985 para o primeiro ataque nuclear”, diz-se no filme. No abrigo encontramos entre estudantes fascinados com a ciência, que se sacrificam para saber se o abrigo pode resistir a tal ataque, um bêbado apresentado como “o homem mais feliz do mundo”, ou personagens nostálgicas por um mundo perdido. Esperam uma bomba de hidrogénio que possivelmente destruirá tudo e todos. As mulheres são as vozes mais sábias que se opõem à sua prisão junto a desconhecidos e à destruição do mundo, revelando um lamento pela vida no campo e pela Primavera e por um mundo em que as crianças não poderão viver. Uma delas reivindica o direito de morrer sob o céu azul, outros criticam o facto de estes não terem o direito de destruir o planeta. O medo espelha-se nos rostos em grande plano que se sucedem, enquanto assistem à contagem decrescente para a morte. “Não me importo que sejamos aniquilados, mas não podemos destruir a música”, afirma um, revelando a singularidade da perspectiva de um artista como Ghatak. Outros cedem à histeria. Tudo não passa de um falso alarme face à majestosa passagem de um bando de pássaros nos céus. “O encantador aroma da terra perfumava o ar”.

Rendezvous também é apresentado como “a diploma film made by students under the supervision of Ritwik Ghatak”. Neste caso, ao contrário de **Fear**, a realização não lhe é

atribuída, mas sim a supervisão. O filme tem lugar nas “Karla Caves, um Mosteiro Budista” do século I a.c. e começa com uma frase budista (nesta cópia curiosamente num intertítulo em castelhano): “Se procuras o espírito do antigo budismo, podes encontrá-lo aqui.” Uma jovem rapariga parte de encontro de um rapaz, marcado para a entrada do Mosteiro. O imaginário é magnífico e a *mise en scène* também, reenviando-nos para o melhor do cinema de Ghatak, em que o mosteiro e a sua iconografia dão corpo aos sentimentos da rapariga. Pensamos na sequência em que uma voz feminina recita palavras que nos fazem pensar nos poemas de Forough Farrokhzad, poeta e realizadora iraniana e autora de um filme único, que é dos mais singulares da história do cinema (**Khaneh siah ast / “A Casa é Negra”**, 1962). Sequência em que a sua voz e o choro de uma criança se inscrevem nas paredes e nas sublimes esculturas dessa gruta ancestral, a 60 Km de Puna.

“Tudo está em chamas. Os meus olhos ardem.
Tudo o que os meus olhos veem está em chamas. Os meus olhos ardem.
Os meus ouvidos ardem. O meu nariz arde. Tudo o que o meu olfato percebe arde.
O meu corpo arde. Todas as minhas sensações ardem.
A minha inteligência está em chamas. Todas as minhas sensações ardem.
Todos os meus pensamentos ardem.”

Procuro refúgio em Buda iluminado.
Encontro refúgio em Dharma. Encontro refúgio em Sangha, a Comunidade Monástica.
Esta é a sublime verdade. Que a tristeza existe.
Que há uma causa da tristeza. Que existe um remédio para essa tristeza.”

(a tradução é nossa a partir da legendagem em castelhano)

Nagarik Sanrakshan é uma produção do Film Institute of India para os habitantes de Puna. Trata-se de um filme institucional que visa prepará-los para um possível ataque. “A minha cidade, a minha querida cidade, este é o meu povo, este é o meu céu, e isto a mãe terra.” Palavras que ecoam sobre imagens de Puna, do céu e da natureza, que contrastam com as imagens de aviões e de sirenes que ouvimos depois. Um filme que rima com **Fear**, o primeiro da sessão, e que revela um país que se prepara para a guerra. Nesse mesmo ano de 1965, em Agosto, deflagra uma das guerras indo-paquistanesas, a chamada “Segunda guerra de Caxemira” que opunha a Índia ao Paquistão, resultante da partição da Índia, sendo que na terceira dessas guerras, a de 1971, o Paquistão Oriental tornou-se independente dando origem ao Bangladesh. A ameaça nuclear pairava no ar, dado que tanto a Índia como o Paquistão possuíam armas atómicas.

Joana Ascensão